

AULULÁRIA

(Comédia da Panela)

PERSONAGENS

O DEUS LAR

EUCLIAO,¹ um velho

ESTÁFILA,² escrava de Euclião

MEGADORO,³ um velho rico

EUNÔMIA,⁴ irmã de Megadoro

LICÔNIDAS,⁵ filho de Eunômia

FEDRA,⁶ filha de Euclião

ESTROBILÓ,⁷ escravo de Megadoro

ANTRAZ,⁸ escravo cozinheiro

CONGRIÃO,⁹ escravo cozinheiro

PITÓDICO,¹⁰ escravo

DROMÃO,¹¹ MACRIÃO¹²

A ação passa-se em Atenas

1. *Euclião*: “que tem glória (ou boa fama)”.

2. *Estáfila*: “que é uma vinha”.

3. *Megadoro*: “que possui grandes bens” ou “que tem muitas qualidades”.

4. *Eunômia*: “que tem boas leis (ou bom pensamento)”.

5. *Licônidas*: “que é como lobo”.

6. *Fedra*: “que é alegre (ou brilhante)”.

7. *Estrobilo*: “o pião”.

8. *Antraz*: “a brasa” ou “o antraz”.

9. *Congrião*: “o grande congro”.

10. *Pitódico*: “que dá bons conselhos”.

11. *Dromão*: “que corre muito”.

12. *Macrião*: “que é muito magro”.

PRÓLOGO

O DEUS LAR DA FAMÍLIA¹

Para que ninguém se admire, direi em poucas palavras quem sou. Eu sou o Lar da familia que mora na casa donde me vistes sair. É esta a casa que eu habito já há muitos anos e é ela que eu tenho protegido, tanto para o pai, como para o avô, daquele mesmo que hoje a possui. Mas o avô, com muitos rogos, confiou-me um tesouro às escondidas de todos: enterrou-o no meio da lareira, suplicando-me, com muito respeito que o guardasse. Ele já morreu e era de gênio tão avaro que não quis nunca dar a seu filho qualquer indicação; preferiu deixá-lo sem recursos a mostrar-lhe esse tesouro. Deixou-lhe um campo bastante pequeno, para que ele vivesse com grande trabalho e muito parcamente. Mas depois de morrer o que me confiou o ouro, comecei a observar se o filho me não prestava a mim maiores honras do que aquelas que eu tinha tido do pai. Mas ele tinha realmente muito menos cuidado comigo e prestava-me honras muito menores. Foi-lhe logo contrário: e lá morreu, sem o ter descoberto. Deixou ele um filho que habita agora aqui e que é igualzinho ao que foram o pai e o avô. Ele tem uma filha que todos os dias me faz as suas preces com incenso ou com vi-

1) O deus Lar protegia a casa e o seu lugar de culto era a lareira.

nho ou com qualquer outra coisa; oferece-me coroas; para lhe mostrar o meu agradecimento fiz que Euclião encontrasse o tesouro para que mais facilmente pudesse casá-la, se tal fosse seu desejo. Efetivamente seduziu-a um jovem de boa família; o moço sabe quem é aquela que ele seduziu; ela, porém, não o conhece e o pai também não sabe que ela foi seduzida. Vou hoje fazer que um velho seu vizinho (*mostrando a casa de Megadoro*) a peça em casamento e isto para que mais depressa se case com ela aquele que a seduziu. O velho que a pedirá por esposa é tio do moço que a desonrou de noite, durante as vigílias de Ceres. Mas já o velho está a gritar lá dentro, como de costume. Põe fora a velha para que ela não saiba de nada. Acho que está com vontade de ir ver se lhe não tiraram o ouro.

ATO I

EUCLIÃO, ESTÁFILA

EUCLIÃO: Já lá para fora, vamos! Lá para fora, já disse! Tens que ir mesmo lá para fora, minha espia, sempre de olho esbugalhado!

ESTÁFILA: Ah, pobre de mim! Por que é que me bates?

EUCLIÃO: Para que sejas mesmo uma “pobre de mim!” e para que, por seres má, tenhas a má vida que é digna de ti.

ESTÁFILA: Mas por que é que me puseste assim fora de casa?

EUCLIÃO: Terei eu que te dar alguma explicação, minha arca de pancada? Sai para longe da porta. Para ali, se quiseres. (*Mostra-lhe o lado oposto à casa.*) Ora vejam, como ela anda! **E** agora, sabes tu o que há? Por Hércules! se hoje pego num pau ou num chicote, acho que te vou alargar esse passo de tartaruga!

ESTÁFILA (*á parte*): Era bem melhor que os deuses me enforcassem do que fazer-me servir-te a troco disto.

EUCLIÃO: Olha esta malvada, como resmunga lá consigo! Por Hércules, ainda te vou arrancar os olhos, mi-

nha sem-vergonha, para que não possas espiar o que eu vou fazer! Vai lá para trás! Mais... Mais... Mais... Bom, aí podes parar. Mas, por Hércules, olha que se sais desse lugar nem que seja um dedo travesso ou a largura duma unha ou se olhares para trás sem que eu te dê licença, então, por Hércules, mando-te logo para a cruz, para te ensinar. (*À parte.*) Acho que nunca vi ninguém mais danado do que esta velha! Do que eu tenho um medo terrível é que ela não me tenha caçado alguma palavra por descuido meu e não lhe tenha chegado o cheiro do lugar em que esconde o ouro; porque esta malvada até parece que tem olhos na nuca. E agora vou ver se o ouro ainda está aonde eu o escondi; pobre de mim! é o que mais me preocupa! (*Sai.*)

Estáfila (só): Por Castor, não sei que desgraça é que aconteceu a meu senhor! Não posso perceber que loucura lhe terá dado! Tem-me feito a vida negra! Num só dia, já me pôs dez vezes fora de casa! Por Pólux! Não sei que fúrias se apoderaram dele! Está de vela durante toda a noite; depois fica sentado em casa o dia inteiro como se fosse um sapateiro coxo. Não sei já de que maneira se lhe há de esconder o que aconteceu à filha, por que já se aproxima a hora do parto. Não percebo nada disto! **E** acho que o melhor para mim será atar uma corda ao pescoço e transformar-me numa letra comprida.

EUCLIÃO (*à parte*): Agora saio de casa já com o espírito bem descansado: vi que lá dentro tudo está a salvo. (*A Estáfila.*) Volta já para casa e deixa-te estar de guarda.

ESTÁFILA (*ironicamente*): De guarda a quê? **É** para que ninguém leve a casa? Porque realmente nós já não temos mais nada que sirva para ladrões: o que há lá por dentro é só coisa nenhuma e teias de aranha.

EUCLIÃO: Pois, como se agora por tua causa Júpiter fizesse de mim um rei Filipe ou um Dario! Grande megera! Eu quero que me guardes as minhas aranhas. Confesso que sou pobre: mas suporto a pobreza. Aceito o que os deuses me dão. Vai lá para dentro. Fecha a porta. Eu volto já. Cuidado, não deixes entrar nenhum estranho em casa.

ESTÁFILA: E se vier alguém por brasas?

EUCLIÃO: Para que ninguém tas venha pedir, apaga já o lume. Se ficar aceso és tu que te apagas logo. Se alguém vier pedir água dizes que se derramou. Se vierem pedir facas ou machado ou pilão ou almofariz, dessas coisas de que os vizinhos sempre precisam, dirás que vieram os ladrões e que roubaram tudo. Mas principalmente o que eu não quero é que entre alguém em minha casa enquanto eu estou ausente. E até te digo mais: mesmo que a Sorte venha não a deixes entrar.

ESTÁFILA: Por Pólux, acho que ela tomará cuidado em não vir; nunca se aproximou da nossa casa, embora more na vizinhança.

EUCLIÃO: Cala-te e vai lá para dentro.

ESTÁFILA: Calo-me e vou lá para dentro.

EUCLIÃO: Vê lá se fechas a porta com os dois ferrolhos. Eu volto já. (*Estáfila sai.*) Estou inquietíssimo por me ter de afastar de casa. Por Hércules, vou mesmo contra vontade. Mas sei que tenho que fazer. O chefe da nossa cúria² disse que ia distribuir dinheiro pelos homens. Se eu não for lá e não reclamar a minha parte, todos vão julgar, creio eu, que tenho ouro em

2) Cúria: uma das divisões civis do povo romano.

casa. Não é verossímil que um homem pobre despreze o que lhe dão, mesmo que seja pouco. E mesmo agora, quando faço o possível por ocultá-lo a todos, parece que todos o sabem, e que todos me saúdam com mais amabilidade do que dantes. Aproximam-se, param, estendem a mão. Per-guntam-me como vou de saúde, de que ando a tratar e como vão as minhas coisas. Mas deixa-me ir aonde tenho de ir. Depois, voltarei para casa o mais depressa que puder. (*Sai.*)

ATO II

EUNÔMIA, MEGADORO

EUNÔMIA: O que eu quero, meu irmão, é que tu fiques seguro de que eu digo isto porque zelo pelo teu interesse como é justo que o faça sendo tua irmã. Bem sei que nos consideram aborrecidas e que muito merecidamente nos têm por faladoras e que dizem que realmente nunca houve em tempo algum mulheres mudas. Mas pensa só nisto meu irmão: tu és o meu parente mais próximo e eu sou o mesmo para ti. É justo que ambos discutamos aquilo que diz respeito ao outro, que eu te aconselhe e te guie e tu a mim, que não tenhamos nada oculto e que não nos calemos por medo. É preciso que eu te faça participar das minhas coisas como se eu própria fosse; e tu, o mesmo. Pois eu trouxe-te cá para fora, assim às escondidas, para te falar duma coisa que te diz grande respeito.

MEGADORO: Ó mulher admirável! Dá-me cá a tua mão!

EUNÔMIA (*olhando em volta*): Onde está ela, essa mulher admirável?

MEGADORO: És tu!

EUNÔMIA: Que é que tu dizes, eu?!

MEGADORO: Se disseres que não, eu digo também que não!

EUNÔMIA: O que é decente é que digas a verdade. Realmente não há nenhuma que se possa chamar de admirável: olha, meu irmão, cada uma é pior que as outras.

MEGADORO: EU acho o mesmo. E não é nisso, minha irmã, que eu te vou contrariar.

EUNÔMIA: Então, farás favor de me escutar.

MEGADORO: O que tu quiseres. Deixa-te estar à vontade e ordena o que te apetecer.

EUNÔMIA: EU vim para te dar um conselho que acho que será o melhor para os teus interesses.

MEGADORO: Foi sempre esse o teu costume, minha irmã.

EUNÔMIA: O que eu quero...

MEGADORO: Então que é, minha irmã?

EUNÔMIA: Uma coisa que assegure para sempre a tua vida, teres filhos, se os deuses quiserem... Quero arranjar-te um casamento.

MEGADORO: Ai de mim! Estou perdido!

EUNÔMIA: Então que é isso?

MEGADORO: As tuas palavras, minha irmã, rebentam-me a cabeça: o que falas é como pedra.

EUNÔMIA: Vamos, faz aquilo que te manda tua irmã.

MEGADORO: Se me agradar, faço.

EUNÔMIA: É para teu bem.

MEGADORO: Só morrendo antes de me casar. Mas se tu queres que eu me case, estou disposto também a fazê-lo, com esta condição: ela chega amanhã e no dia seguinte levam-na para fora de casa. Se é com estas condições que tu achas bem, então podes vir e preparar o casamento.

EUNÔMIA: EU posso arranjar-te, mano, um dote enorme. Que ela é mais velha, mas é uma mulher de meia-idade. Se quiseres que eu ta peço em casamento, eu peço.

MEGADORO: TU deixas que eu te faça uma pergunta?

EUNÔMIA: Podes perguntar o que quiseres.

MEGADORO: Quem depois de certa idade casa com mulher de meia-idade, e já velho empreinha a velha, só pode ter um nome para a criança. Sabes qual é? Póstumo. Ora, eu estou disposto a poupar, e evitar-te esse trabalho. Graças aos deuses e aos nossos antepassados, sou já bastante rico. E por isso não me importo nada com os grandes luxos, as honras, os dotes faustosos, as aclamações, o poder, os carros de grande pompa, o vestuário, a púrpura, que levam os outros homens à servidão por aquilo que custam.

EUNÔMIA: Dize-me lá, que mulher é essa com quem tu queres casar?

MEGADORO: VOU dizer-te. Conheces tu Euclião, esse velho pobre que mora perto de nós?

EUNÔMIA: Conheço. É um homem bem simpático, por Castor.

MEGADORO: Pois eu quero desposar a filha dele. Não te ponhas com coisas, minha irmã. Já sei o que vais dizer, que ela é pobre. Pois é mesmo pobre que me agrada.

EUNÔMIA: Que os deuses te ajudem.

MEGADORO: É exatamente o que eu espero.

EUNÔMIA: E agora, que me queres tu?

MEGADORO: Que passes bem.

EUNÔMIA: E tu também, mano. (*Sai.*)

MEGADORO: E eu vou ter com Euclião. Talvez esteja em casa. Mas olha: é ele mesmo! Não sei donde é que volta.

EUCLIÃO, MEGADORO

EUCLIÃO: Bem tinha eu o pressentimento quando saí de casa de que ia para nada. E ia mesmo contra vontade. Não apareceu nenhum da cúria nem o magistrado que devia repartir o dinheiro. Agora toca a ir depressinha para casa, porque a verdade é que se eu estou aqui, a alma ficou em casa.

MEGADORO: E eu vou ter com Euclião. Talvez esteja em casa. Mas olha!

EUCLIÃO: Que os deuses te salvem, Megadoro.

MEGADORO: E então? Saudezinha à vontade?

EUCLIÃO (*à parte*): Deve haver um motivo qualquer para um homem rico se dirigir assim a um pobre tão delicadamente. Com certeza que este homem já sabe que eu tenho dinheiro; é por isso que me saúda com tanta delicadeza.

Megadoro: Então, de saúde mesmo?

EUCLIÃO: Por Pólux, fora o dinheiro, tudo vai bem.

MEGADORO: Ora, se tiveres sossego, tens tudo quanto precisas para passar bem a vida.

EUCLIÃO (*à parte*): Por Hércules! A velha já andou a falar do dinheiro! É tudo quanto há de mais evidente. Quando chegar a casa vou-lhe cortar a língua e arrancar-lhe os olhos.

MEGADORO: Por que é que estás aí a falar sozinho?

EUCLIÃO: Estou lamentando a minha miséria. Tenho uma filha grande, sem dote, e que não há maneira de casar. Não consigo casá-la com ninguém.

MEGADORO: Cala-te. Ganha ânimo, Euclião, o que não tiveres arranja-se. Eu ajudo-te. Dize lá se é preciso alguma coisa. É só mandares.

EUCLIÃO (*à parte*): Isto parece promessa, mas é pedido. Está ardendo por me devorar o dinheiro. Dum lado trás a pedra e do outro lado me mostra pão. Não creio em nenhum rico que venha com tanta generosidade e tanta delicadeza para um pobre. Quando estende a mão com bondade é porque nela traz alguma rede. Eu bem conheço estes polvos que prendem tudo aquilo que tocam.

MEGADORO: Escuta-me um pouco. Eu quero nalgumas palavras, Euclião, falar-te duma coisa que interessa a mim e a ti.

EUCLIÃO (*à parte*): Ai, pobre de mim! Com certeza me deitaram a unha ao tesouro e agora vem ter comigo para ver se chegamos a algum arranjo. Vou já ver a casa.

Megadoro: Mas onde é que tu vais?

EUCLIÃO (*retirando-se*): Eu volto já. Tenho que ir logo a casa.

Megadoro (*só*): Por Pólux! Eu creio que quando lhe falar da filha, a ver se casa comigo, vai achar que estou a fazer troça dele. Não há ninguém que a pobreza tenha feito mais avarento do que ele.

EUCLIÃO (*à parte*): Graças aos deuses, tudo está salvo. Não falta nada. Foi um susto sem motivo. Mas antes de ir lá ver estava mesmo sem pinga de sangue: (*A Megadoro.*) Eis-me de volta, Megadoro. vamos lá ver então o que me queres.

MEGADORO: Muito obrigado. Vais fazer favor de me responder àquilo que eu te perguntar.

EUCLIÃO: Contanto que não me pergunes nada a que não me agrade responder.

MEGADORO: Dize-me lá, que tal te parece a minha família?

EUCLIÃO: Boa.

MEGADORO: E o meu caráter?

EUCLIÃO: Bom.

MEGADORO: E os meus atos?

EUCLIÃO: Nem maus, nem desonestos.

MEGADORO: Sabes a minha idade?

EUCLIÃO: Sei que é bastante grande, exatamente como a fortuna.

MEGADORO: Pois eu realmente, por Pólux, sempre achei e ainda acho que tu és um cidadão sem malícia nenhuma.

EUCLIÃO (*à parte*): Já cheirou o dinheiro. (*Alto.*) Que me queres tu agora?

MEGADORO: Como tu me conheces bem a mim e eu te conheço bem a ti, peço-te que faças a minha felicidade, a tua e a de tua filha, dando-ma em casamento. Promete que o farás.

EUCLIÃO: Ó Megadoro! Isso é uma má ação e indigna do teu procedimento; vens agora troçar dum homem sem recursos e inocente, de um homem que nunca fez mal nem a ti, nem aos teus. Não houve nada, em palavras, que merecesse da tua parte o que tu fazes agora.

MEGADORO: Mas, por Pólux! Eu não vim para me rir de ti! Eu não me estou a rir de ti! Tu não és digno duma coisa dessas.

EUCLIÃO: Então por que é que me pedes minha filha?

MEGADORO: Para que tudo seja melhor para ti, para mim e para os teus.

EUCLIÃO: O que eu penso, Megadoro, é que tu és um homem rico e poderoso e que eu sou um homem pobre, paupérrimo. Se eu casasse contigo minha filha, estou eu cá pensando que tu ficarias como boi e eu como burro; andaríamos jungidos um ao outro e como eu não poderia suportar a mesma carga, lá ficaria eu deitado como um burro no meio da lama. Tu, como boi, tratar-me-ias com desprezo, como se eu não fosse gente. Irias ser duro comigo e não me havia de faltar a troça dos da minha igualha. Depois, se houver qualquer diferença entre nós, não terei estábulo estável a que me acolher. Os burros vão-me despedaçar à dentada e os bois vão-me atacar à cornada. É muito perigoso para eu passar da classe dos burros para a dos bois.

MEGADORO: O mais importante, é que tu fiques parente de gente honesta. Ouve, aceita a minha proposta e dá-ma em casamento.

EUCLIÃO: Mas eu não tenho dote nenhum para lhe dar.

MEGADORO: Não dês. Se ela tiver juízo já é dote bastante.

EUCLIÃO: Eu digo-te isto para que não vás julgar que encontrei algum tesouro.

MEGADORO: Já sei, escusas de dizer mais. Casa-a, anda.

EUCLIÃO: Está bem. (*Ouve pancadas de picareta.*) Mas, por Júpiter, não será que estou perdido?

MEGADORO: Que tens tu?

EUCLIÃO: Que barulho foi este? Parecia um ferro! (*Sai correndo.*)

MEGADORO: Fui eu que mandei cavar no jardim. Para onde é que foi o homem? Fugiu e não me disse nada! Trata-me de resto porque vê que eu lhe procuro a amizade. Homens são assim! Se um rico vai pedir alguma coisa ao pobre, o pobre tem medo de se comprometer e, por medo, procede mal. E só depois de perder a oportunidade é que ele se arrepende. (*Euclião reaparece.*)

EUCLIÃO (*à parte*): Por Hércules! Se eu não te mando tirar a língua lá mesmo da raiz, então dou ordem, e tomo a responsabilidade, de que me mandes castrar.

MEGADORO: Por Hércules! Vejo, Euclião, que tu julgas que eu sou um velho de que podes zombar por causa da idade. Mas olha que eu não o mereço.

EUCLIÃO: Por Pólux, Megadoro! Não faço nada disso. Nem mesmo poderia se quisesse.

MEGADORO: E então, ainda estás disposto a dar-me tua filha?

EUCLIÃO: Nas condições e com aquele dote de que falei.

MEGADORO: Então dás mesmo?

EUCLIÃO: Dou.

MEGADORO: Que os deuses nos sejam propícios.

EUCLIÃO: Assim o queiram os deuses. Mas faze por te lembrar de que ficou combinado que minha filha não levaria nenhum dote.

MEGADORO: Lembro-me, sim.

EUCLIÃO: É que eu sei que vós continuais a complicar o que se combinou. O que se combinou não se combinou e combinou-se o que não se combinou. Enfim, à vossa vontade.

MEGADORO: Entre nós não haverá discussão nenhuma. Mas há algum motivo para que não façamos hoje o casamento?

EUCLIÃO: Ah, por Pólux! Isso seria ótimo!

MEGADORO: Então vamos preparar já tudo. Queres mais alguma coisa?

EUCLIÃO: EU, nada mais.

MEGADORO: Então pronto, adeus. Olá Estrobilo! Anda depressinha comigo ao mercado. (*Sai.*)

EUCLIÃO (só): Já lá foi. Ó deuses imortais! Realmente! A força que o dinheiro tem! Com certeza já ouviu dizer alguma coisa, a respeito do tesouro que eu tenho lá em casa. Está morto por apanhá-lo. E claro que é por isso que ele me veio com esta proposta.

EUCLIÃO, ESTÁFILA

EUCLIÃO: Onde estás tu que já andaste a espalhar por toda a vizinhança que eu ia dar um dote a minha filha? Olá, Estáfila! É por ti que eu estou a chamar. Não ouves? (*Estáfila chega.*) Vai depressa lavar os vasos. Prometi minha filha: hoje vou dá-la em casamento a Megadoro.

ESTÁFILA: Que os deuses os protejam! Mas, por Castor! Não pode ser assim. É muito de repente.

EUCLIÃO: Cala-te e vai-te embora. E vê lá se já está tudo preparado quando eu voltar da praça. Fecho a porta. Eu volto já. (*Sai.*)

Estáfila (*SÓ*): Que hei de fazer agora? Estamos à beira da perdição, eu e a menina. O parto já está perto, a desonra vai tornar-se pública. Já se não pode ocultar nem esconder mais. Eu vou lá para dentro para que meu senhor quando venha encontre pronto tudo o que ordenou. Por Castor! Estou com receio de que venha por aí alguma tristeza e eu tenha de esgotar todas as amarguras! (*Sai.*)

ATO III

ESTROBILÔ, CONGRIÃO, ANTRAZ

ESTROBILÔ. Meu amo, depois de ter feito as suas contas e de ter levado da praça os cozinheiros e estas tocadoras, ordenou-me que repartisse tudo em duas porções.

CONGRIÃO: Por Hércules! Vou dizê-lo já: a mim é que tu não partes ao meio. Se quiseres que eu vá inteiro para qualquer parte, estou pronto.

ANTRAZ: Olha que bonitinho! Que delicadinho, que é este menino de toda a gente! Então, se alguém quisesse tu não te deixavas abrir pelo meio?

CONGRIÃO: O que eu disse, Antraz, tinha um sentido muito diferente do que aquele que tu queres insinuar!

ESTROBILÔ: Meu amo casa-se hoje.

CONGRIÃO: Com a filha de quem?

ESTROBILÔ: Desse Euclião, nosso vizinho. E mandou-lhe dar metade dos mantimentos, um cozinheiro e uma flautista.

CONGRIÃO: Então é metade para ele (*mostrando a casa de Euclião*) e metade para casa?

ESTROBILO: Exatamente como dizes.

CONGRIÃO: O quê? Então esse velho não podia pagar a comida do casamento da filha?

ESTROBILO: Ora!

CONGRIÃO: Mas então por que é que não paga?

ESTROBILO: Por que é que não paga? perguntas tu? Só te digo que a pedra-pomes não é tão seca como aquele velho.

CONGRIÃO: Mas é realmente assim como dizes?

ESTROBILO: Vê só! Anda sempre a clamar por deuses e por homens e a dizer que perde tudo e que está liquidado se lhe sai dos tições um bocadinho assim de fumo. E quando vai dormir tapa sempre o fole.

CONGRIÃO: Mas por que razão?

ESTROBILO: Para que, enquanto dorme, não se perca nem um bocadinho de vento.

CONGRIÃO: E ele também tapa o buraco debaixo para não perder nenhum bocadinho de vento enquanto dorme?

ESTROBILO: O que tu deves é acreditar em mim como eu acredito em ti.

CONGRIÃO: Mas eu acredito.

ESTROBILO: E sabes mais? Palavra que, quando se lava, até lamenta a água que está a estragar.

CONGRIÃO: Achas que se lhe poderia pedir um talento³ para que nós comprássemos a nossa liberdade?

ESTROBILO: Por Hércules, mesmo que tu lhe fosses pedir a Fome, ele não ta dava! Outro dia o barbeiro cortou-lhe as unhas; pois andou a juntar e levou con-sigo todos os bocadinhos.

CONGRIÃO: Por Pólux! O que tu dizes é mesmo dum avarento. Mas achas que, realmente, ele vive assim tão miserável, tão sumítico?

ESTROBILO: Uma vez um milhafre roubou-lhe a comida. Pois o homem veio ter com o pretor a chorar, des-feito em lágrimas, soluçando, a pedir que lhe fosse permitido citar o milhafre em juízo. Se eu tivesse tempo contava-te inúmeras coisas de que me lembro. Mas qual é de vós o mais expedito? Dizei lá!

CONGRIÃO: O melhor sou eu.

ESTROBILO: Olha que eu estou a pedir um cozinheiro, não estou a pedir um ladrão.

CONGRIÃO: Pois é um cozinheiro que eu digo.

ESTROBILO (*a Antraz*): E tu, que dizes?

ANTRAZ (*na atitude de um homem resoluto*): Eu cá sou o que tu vês.

CONGRIÃO: Isso é um cozinheiro de acaso: cozinha de nove em nove dias.

ANTRAZ: Ah, tu vens me insultar?! meu grande ladrão! Ladrão, ladrão e três vezes ladrão!

ESTROBILO: Vê lá se te calas! E o mais gordo dos cor-deiros...

3) *talento*: unidade monetária grega, de valor variável entre 1.000 e 3.000 cruzeiros antigos.

CONGRIÃO: Vê-se logo.

ESTROBILO: Pega nele, Congrião, e vai já lá para dentro (*mostra a casa de Euclião*); e vós (*a uma parte dos que trazem as provisões*) com ele. E vós outros, vinde conosco para este lado.

ANTRAZ: Por Hércules! Tu repartiste mal: eles têm o cordeiro mais gordo.

ESTROBILO: Mas a ti vai-se dar a flautista mais gorda. Frígia, vai com ele (*mostrando Congrião*). Mas tu, Elêusia, vai lá para dentro, para nossa casa.

CONGRIÃO: Ó Estrobilo, ó manhoso! Então mandaste-me para casa desse velho tão aarento?! Se lhe peço alguma coisa, até vou perder primeiro o fôlego, antes de o conseguir.

ESTROBILO: É uma estupidez e não tem graça nenhuma proceder bem quando é inútil o que se faz.

CONGRIÃO: Como é isso?

ESTROBILO: Ainda perguntas? Lá em casa não vais ter incômodo nenhum; até se quiseres alguma coisa podes levá-la já de casa, para não perderes tempo com pedidos. Aqui em casa vamos ter muita confusão, são muitos os escravos, e há mobília, há ouro, há vestuários e há vasos de prata. Se desaparecer alguma coisa (e, pelo que sei de ti, é-te muito fácil não tocar nas coisas quando não as tens pela frente) vão logo dizer: “foram os cozinheiros que roubaram. Prendam-nos, atem-nos, batam-lhes, atirem-nos à coval” Ora, a ti não te vai acontecer nada disto; lá, não há nada para roubar. Vem comigo.

CONGRIÃO: Já vou.

ESTROBILO, ESTÁFILA, CONGRIÃO

ESTROBILO: Olá, Estáfila! Vem cá e abre a porta.

ESTÁFILA: Quem é que está a chamar?

ESTROBILO: É Estrobilo.

ESTÁFILA: O que é que tu queres?

ESTROBILO: Quero que recebas estes cozinheiros, e esta flautista e a comida para o casamento. Megadoro manda isto de presente a Euclião.

ESTÁFILA: É para celebrar as núpcias de Ceres, Estrobilo?

ESTROBILO: Por quê?

ESTÁFILA: Porque vejo que não trouxeram vinho.⁴

ESTROBILO: Mas trazem já, assim que ele voltar da praça.

ESTÁFILA: NÓS não temos lenha nenhuma.

Um COZINHEIRO: Não há tabiques?

ESTÁFILA: Há, por Pólux!

Um COZINHEIRO: Pois aí está lenha! Não mandes buscar.

ESTÁFILA: O quê, malandro?! Então lá por andares a fingir de Vulcano, lá por causa duma ceia e do teu salário, queres que se deite fogo à casa?

4) Nas festas de Ceres não se podia usar vinho.

CONGRIÃO: Claro que não.

ESTROBILÓ (a Estáfila): Leva-os lá para dentro.

ESTÁFILA: Segui-me. (*Entram em casa de Euclião.*)

PITÓDICO

Bom, toca a trabalhar. Eu vou ver o que fazem os cozinheiros. Vai dar trabalho vigiá-los, hoje. O único remédio era mandá-los cozinhar no poço e trazermos para cima a comida, com cestas. Mas se eles se põem a comer o que cozinham, então só os de baixo é que ceiam e os de cima ficam sem provar nada. Mas estou aqui a falar como se não houvesse nada para fazer, quando há na casa tanta ave de rapina. (*Sai.*)

EUCLIÃO, CONGRIÃO

Euclião (SÓ): Hoje, realmente, resolvi tomar coragem, para celebrar com dignidade as bodas de minha filha. Fui ao mercado e pedi peixe; mostraram-me peixes caros. O cordeiro, caro; a vaca, também cara e a vitela, a toninha, o porco, tudo caro! E sobretudo caro, porque eu não tinha dinheiro! Fui-me embora furioso porque não havia nada para comprar. Mandei passear todos aqueles canalhas. Depois vinha pelo caminho e pus-me a pensar: se tu fazes de mãos-largas num dia de festa, se não poupas nada, então vais passar fome no dia seguinte. Depois de ter apresentado este raciocínio ao coração e à barriga, começou a firmar-se-me a opinião de que o melhor era casar a filha com o mínimo de despesa. Comprei um pouco de incenso e estas coroas de flores. Vou pôr tudo na lareira, em honra do nosso lar para que dê boa sorte ao casamento de minha filha. Mas por que razão será que eu vejo a casa aberta? E barulho lá

dentro! Ai pobre de mim! Será que me estão a roubar?

CONGRIÃO (*do interior da casa*): Olha, se fazes favor, vai pedir ao vizinho uma panela maior. Esta é pequena, não leva nada.

EUCLIÃO: Ai de mim que estou perdido! Por Hércules! Estão-me a roubar o dinheiro! Estão a pedir uma panela! Ai que dão cabo de mim! Se não vou já a correr!... Apolo! Por favor! Vem em meu socorro, em minha ajuda! Trespassa com tuas setas os ladrões do meu tesouro! Já antes tu me salvaste deste perigo! Mas que faço eu, aqui parado! Que faço eu, que não corro! Ai! que estou perdido! (*Entra em casa.*)

ANTRAZ (saindo da casa de Megadoro)

Dromão, escama os peixes. Tu, Macrião, amanha o melhor que puderdes o congro e a moréia. E vê se lhe tiras toda a espinha, enquanto eu vou e volto. Vou pedir emprestado a Congrião um fogão volante. Tu depena-me este galo e põe-no mais glabro do que um lídio depilado. Mas que barulho é este em casa do vizinho? Acho que os cozinheiros estão a desempenhar a sua tarefa. Vamos tomar cá para dentro para que não haja aqui o mesmo sарilho. (*Torna a entrar.*)

CONGRIÃO (saindo da casa de Euclião)

Queridos patrícios, meus amigos, vizinhos, compatriotas e forasteiros, toca a abrir caminho para eu fugir; deixem abertas todas as praças. Foi hoje a primeira vez que vim cozinar numa bacanal para as Bacantes,⁵ que me maltrataram à bordoada, ao pobre de

5) As Bacantes despedaçavam, na sua fúria, quem lhes perturbava as festas orgiásticas com que celebravam Dionísio-Baco.

mim e aos meus discípulos. Estou todo cheio de dores, estou perdido mesmo; o velho fez de mim um ginásio! Nunca vi paus manejados com mais limpeza e pôs-nos fora a mim e a eles, todos carregados de pancada. Ai, por Hércules, que estou perdido, pobre de mim! Aí está a bacanal! E já está perto de nós a perseguir-nos. Já sei o que hei de fazer. Foi o próprio amo que nos ensinou.

EUCLIÃO, CONGRIÃO

EUCLIÃO: Volta já, para onde é que vais a fugir? Agarra, agarra!

CONGRIÃO: Por que é que estás a gritar, meu estúpido?

EUCLIÃO: Vou já levar o teu nome aos triúnviros!⁶

CONGRIÃO: Mas por quê?

EUCLIÃO: Porque trazes uma faca.

CONGRIÃO: Mas é natural, num cozinheiro!

EUCLIÃO: E por que é que tu me ameaçaste?

CONGRIÃO: O que eu fiz mal foi não te ter atravessado os fígados!

EUCLIÃO: Não há nenhum homem dos que hoje vivem que seja mais patife do que tu. Não há nenhum a quem eu fizesse com mais gosto tanto mal, e de propósito!

CONGRIÃO: Mesmo que tu não o dissesses, via-se logo. A realidade bem o mostra. Os teus cacetes

6) triúnviros: magistrados encarregados da polícia.

puseram-me mais brandinho do que um dançarino.
Mas ouve lá, meu miserável, por que me batestes?
Que houve?

EUCLIÃO: Ainda perguntas? Será que eu te dei menos
do que era justo? Rua! (*Faz menção de bater-lhe.*)

CONGRIÃO: Ai, por Hércules! O que tu vais sofrer! Se é
que a tua cabeça ainda sente alguma coisa!

EUCLIÃO: Por Pólux, não sei que acontecerá. Mas, por
agora, ainda sente! Mas que tinhas tu que fazer em
minha casa? Na minha ausência e sem que eu o ti-
vesse ordenado? Quero saber já.

CONGRIÃO: Vê lá se te calas! Viemos cozinar para o
casamento.

EUCLIÃO: E que tens tu com isso, meu malandro? Com
isso de saber se eu como cru ou cozido? Serás por
acaso meu tutor?

CONGRIÃO: O que eu quero saber é se tu deixas ou não
deixas cozinar a ceia?

EUCLIÃO: E eu, o que quero saber, é se a minha casa se
salvará.

CONGRIÃO: Oxalá eu me salve a mim com todas as
coisas que trouxe. Com o resto não me importo. Será
que te pedi alguma coisa?

EUCLIÃO (*ironicamente*): Já sei, já sei. Escusas de mo
estar a dizer.

CONGRIÃO: Então por que motivo é que nos impedes
de cozinar esta ceia? Que fizemos nós? Que disse-
mos nós que fosse contra a tua vontade?

EUCLIÃO: Ainda o perguntas, grande celerado, que an-
daste por todos os cantos da casa e abriste o meu

quarto? Se tivesses ficado junto do lume, onde era o teu trabalho, não terias saído de cabeça rachada. Foi muito bem feito! E agora, para saberes a minha opinião, já ta digo: se te aproximes desta porta sem ordem minha, eu te farei o mais infeliz dos mortais. Já sabes então o que penso? Para onde vais? Volta já. (*Torna a entrar em casa.*)

Congrião (só): Que Laverna⁷ me proteja! Se não me entregares já as minhas panelas vou fazer-te um barulho lindo aqui diante da porta! Que hei de eu fazer agora? Vim com maus auspícios. Vim com esperança de ganho e vou ter que pagar muito mais ao médico.

EUCLIÃO (agarrado à sua panela): Por Hércules! Há de estar comigo em toda a parte para onde eu for. Hei de o levar comigo. Não posso permitir que venha a correr tão grandes riscos. (*A Congrião e aos outros.*) Vá! Tudo lá para dentro! Cozinheiros e flautistas! Podes até, se quiseres, meter lá dentro esse rebanho de mercenários. Cozinhai, fazei o que quiseres, andai às carreiras como for de vossa vontade.

CONGRIÃO: Vem muito a tempo! Depois de me encher a cabeça de feridas!

EUCLIÃO: Vá lá para dentro! **O** que te pagam é o trabalho, não é o discurso!

CONGRIÃO: Olha lá, velho! Por Hércules! Vou te pedir dinheiro pela pancada que levei. Trouxeram-me para cá para cozinhar, não foi para apanhar uma surra!

EUCLIÃO: Isso só vai por justiça. Não me aborreças. Vai cozinhar a ceia, ou então sai de casa e vai para o raio que te parta!

CONGRIÃO: Vai tu! (*Os cozinheiros saem.*)

7) *Laverna: deusa dos espíritos subterrâneos, das trevas,*

dos ladrões.

EUCLIÃO (só)

Bom, lá se foi embora! Ó deuses imortais! Está uma bonita confusão; isto de se meter um pobre a ter relações ou negócios com os opulentos! Megadoro farta-se de me aborrecer. Fingiu que era em minha honra que me mandava os cozinheiros, mas claro está que só os mandou para roubar o que eu tenho. Até o meu galo, naturalmente de combinação com a velha, esteve a ponto de me perder. Começou a esgravatar com as unhas mesmo à volta donde o dinheiro está enterrado. Para que é que eu estou a falar? Fiquei tão furioso que peguei num pau e rebentei a cabeça do galo, desse descarado ladrão! Por Pólux! O que eu acho é que os cozinheiros lhe tinham prometido alguma coisa se ele descobrisse o negócio. Mas ficaram sem ajuda. Para que hei de falar mais. Acabou-se o galo, acabou-se a questão. Mas aí chega da praça meu genro Megadoro. Não vou deixá-lo passar sem ir ter com ele e lhe dizer umas coisas....

MEGADORO, EUCLIÃO

MEGADORO (*sem perceber Euclião*): Contei a muitos amigos esta minha resolução de casamento; todos louvam a filha de Euclião e dizem que foi uma resolução avisada e de boa cabeça. Ora, se os outros ricos fizessem o mesmo com as filhas dos pobres e, mesmo sem dote, se casassem com elas, não só a cidade viveria em maior paz, como haveria à nossa volta muito menos inveja do que há. Elas ter-nos-iam mais respeito do que nos têm e nós faríamos menos despesas do que as que fazemos. Seria ótimo para a maior parte do povo e só prejudicaria alguns que são ávidos e insaciáveis e que nem leis, nem magistrados seriam capazes de reter. Naturalmente, dirá alguém, com quem se casariam então as que são ricas e têm dote, se se estabelece tal direito para os pobres? Que se casem com quem quiserem, contanto que o dote

não vá com elas. Se isto fosse assim elas levariam, em lugar do dote de agora, melhores costumes; eu arranjaria que as mulas, que são mais caras que cavalos, se tornassem mais baratas do que os burros da Gália.

EUCLIÃO (*à parte*): Assim os deuses me protejam, como é certo que os estou a ouvir com gosto. O que ele diz da economia é precioso.

MEGADORO: E assim já nenhuma diria: “trouxe-te um dote que era muito maior do que o dinheiro que tu tinhas! Tens portanto de me dar ainda púrpura e ouro, criadas, mulas, cocheiros, criados, mocinhos de recados e carros para eu andar!”

EUCLIÃO (*à parte*): Como ele conhece bem o que fazem as mulheres! Oxalá o nomeassem prefeito da moralidade feminina!

MEGADORO: Agora, a toda a parte a que se chega, vêm-se mais carros na casa da cidade do que no campo, quando se vai à quinta. Mas isto ainda não é nada, em comparação com as outras despesas. Há o tintureiro, o bordador, o ourives, o modista, os que tingem de vermelho, de roxo e de amarelo, os das mangas, os dos sapatos, os sapateiros gregos e os sapateiros romanos! E ali ficam todos esses sapateiros, e ali ficam todos os tintureiros e todos os cerzidores a pedirem o seu dinheiro. Vêm os que vendem fitas e vêm os que vendem cintos. E quando já se julga que está tudo pago, vêm pedir mais, enquanto os chefes de escravos estão no átrio, trezentos tecedores e mercadores de rendas e de laços. Lá vai dinheiro. E quando se julga que está tudo pago, eis que aparecem os tintureiros de açafraão ou outra qualquer praga que também pede alguma coisa.

EUCLIÃO (*à parte*): Eu ia ter com ele, mas estou com receio que interrompa o que está dizendo sobre as mulheres; vou deixá-lo continuar.

MEGADORO: Depois de se ter pagado a todos estes vendedores de ninharias, aí vem no fim o soldado a pedir o seu dinheiro; corre-se logo a discutir com o usurário e o soldado lá fica de pé, sem comer e acha que se lhe deve pagar. Depois de se discutir com o usurário verifica-se que já se lhe deve muito mais dinheiro. Marca-se outro prazo ao soldado. Estes e outros muitos são os inconvenientes que vêm com os grandes dotes e com as despesas insuportáveis. Aquela que não tem dote está sob o domínio do marido. As que têm dote dão cabo dos maridos com danos e perdas. Mas cá está o meu parente diante da casa. Então que dizes, Euclião?

EUCLIÃO: Devorei o teu discurso com muito prazer.

MEGADORO: O quê, tu ouviste?

EUCLIÃO: Tudo, desde o princípio.

MEGADORO: Mas olha que era bem melhor, segundo minha opinião, celebrares com mais largueza o casamento de tua filha.

Euclião: O esplendor é segundo a fortuna e a glória segundo o que se tem. Os ricos é que têm de se lembrar da sua origem. Mas eu, Megadoro, por Pólux, sou realmente pobre. E eu não tenho em casa mais dinheiro do que aquilo que se julga.

MEGADORO: E oxalá os deuses façam que tu continues sempre assim e conservem sempre aquilo que tens agora.

EUCLIÃO (*à parte*): Não me agrada nada isto que ele disse do que tenho agora. Acho que ele já sabe o que eu tenho. A velha denunciou-me.

MEGADORO (*a Euclião, que se afastou*): Por que é que tu te separas assim da assembléia?

EUCLIÃO: Por Pólux! Estava a pensar em te fazer uma censura merecida.

MEGADORO: Então que é?

EUCLIÃO: O que é? Ainda mo perguntas? Encheste-me todos os cantos de ladrões, meteste-me em casa quinhentos cozinheiros com seis mãos cada um, à maneira de Gerião.⁸ O próprio Árgus,⁹ que foi todo olhos e que outrora Juno pôs de guarda a Io, não poderia guardar estes. E depois uma flautista capaz de beber sozinha toda a fonte coríntia de Pirene, se ela deitasse vinho; e depois a comida.

MEGADORO: Mas, por Pólux, é bastante para uma leigão. Até mandei um cordeiro!

EUCLIÃO: Pelo que diz respeito ao cordeiro nunca deve ter havido no mundo um animal tão espantoso.

MEGADORO: Sempre gostaria que me dissesse o que é que tem de espantoso esse cordeiro.

EUCLIÃO: Têm tratado tão bem dele que só tem pele e ossos. Mesmo vivo podem-se-lhe ver as entranhas à transparência, porque é translúcido, como uma lanterna púnica.¹⁰

MEGADORO: Comprei-o para matar.

8) *Gerião*: um dos gigantes que tinham combatido contra os deuses, na sua tentativa de escalar o céu.

9) *Árgus*: guarda que Juno, rainha dos deuses, encarregara de não deixar escapar Io, transformada em vaca por castigo de seus amores com Júpiter.

10) *A lanterna púnica era feita de lâminas de corno*.

EUCLIÃO: Então o melhor é tratar-lhe dos funerais; acho que já deve ter morrido.

MEGADORO: Eu hoje, Euclião, quero beber contigo.

EUCLIÃO: Mas eu hoje não bebo, por Hércules.

MEGADORO: VOU mandar buscar a casa um pote de vinho velho.

EUCLIÃO: Pois eu não quero. Resolvi beber só água.

MEGADORO: Hoje, meu caro amigo, hei de te pôr bêbado de vinho, a ti, que resolveste beber só água.

EUCLIÃO (*à parte*): Eu bem sei o que ele quer. Vem com estas para me embebedar e para depois mudar de pouso aquilo que eu tenho. Mas eu vou tomar cuidado: vou escondê-lo em qualquer parte fora de casa. É mesmo o que eu vou fazer. E ele perde ao mesmo tempo o trabalho e o vinho.

MEGADORO: Pois eu, se não quiseres mais nada, vou-me lavar para o sacrifício. (*Sai.*)

Euclião (*só*): Ai, panela! Por Pólux! Quantos inimigos tens! E também o ouro te está confiado! Agora, panela, vou fazer uma coisa excelente: vou-te levar para o templo da fidelidade. Aí é que te vou esconder bem. Ó Fidelidade, tu me conheces a mim, eu te conheço a ti; toma cuidado, não mudes o teu nome no que me diz respeito, quando eu me dirijo a ti confiado, ó Fidelidade, na tua boa fé. (*Entra no recinto do templo.*)

ATO IV

ESTROBILÓ (só)

É próprio do bom escravo fazer aquilo que estou realizando e comportar-se de maneira que não tenham demora nem obstáculo as ordens de seu amo. O escravo que deseja servir bem o seu senhor trata de fazer primeiro tudo o que diz respeito ao amo e depois o que a si próprio diz respeito. Mesmo dormindo deverá dormir de maneira que se não esqueça de que é escravo. Quem serve um dono generoso, e é esse o meu caso, se vê que o amor o domina, deve, segundo me parece, trabalhar para a sua salvação; não o deve empurrar para o lado a que já se inclina. Exatamente como aos meninos que aprendem a nadar se dá uma jangada de juncos para que menos se fatiguem, e nadem e movam as mãos com facilidade maior, acho que do mesmo modo deve o escravo ser jangada para seu amo generoso, para o sustentar à tona de água e não deixar que vá ao fundo. Deve conhecer seu amo a ponto de saberem os olhos o que deseja o espírito; deve realizar mais depressa do que as rápidas quadrigas¹¹ aquilo que ele manda. Quem o fizer se livrará das tais censuras a chicote, e não polirá com sua diligência grilheta alguma. Ora meu amo, gosta da filha de Euclião, esse homem pobre. Foi-lhe anunciado agora que ela vai casar com Megadoro e ele mandou-me aqui para ver o

11) *quadriga*: quadro de corrida ou de guerra, puxado por quatro cavalos.

que havia. Vou esconder-me aqui junto deste altar, para não haver suspeita alguma. Poderei assim dar pelo que fazem dum lado e de outro.

EUCLIÃO, ESTROBILÓ

EUCLIÃO (*saindo do templo*): Ó Fidelidade, toma cuidado, agora não vás indicar a alguém que está aqui o meu dinheiro. Realmente eu não tenho medo de que alguém o encontre, tão bem escondido ele está. E por Pólux, que boa presa faria aquele que o encontrasse: uma panela cheia de ouro! Mas oxalá, ó Fidelidade, tu o impeças. Agora vou lavar-me, para fazer o sacrifício aos deuses e para não demorar meu genro. Para que ele possa levar logo minha filha para sua casa. Ó Fidelidade, faze que eu tome a levar para casa a sâo e salvo esta panela. Confiei o ouro à tua guarda; ficou no templo do teu bosque sagrado. (*Sai.*)

ESTROBILÓ: Ó deuses imortais! De que coisa extraordinária está falando este homem? Diz que enterrou aqui no templo uma panela cheia de ouro. Ó Fidelidade! Vê lá não lhe sejas fiel a ele mais do que a mim! Mas eu acho que é o pai da moça de que meu amo gosta. Vou entrar, e passar busca no templo a ver se por acaso encontro o ouro enquanto o homem está ocupado. Se o encontrar, Fidelidade, hei de te oferecer uma bilha cheia de bom vinho. Podes estar certa de que o farei, porque também hei de beber a minha parte. (*Entra no templo.*)

EUCLIÃO (*voltando atrás*): Não foi por acaso que o corvo me grasnou do lado esquerdo, ao mesmo tempo que ia rasando a terra com as patas e crocava com aquela sua voz... O coração começou-me logo a palpitar e a bater no peito. Mas por que é que eu me demoro?

EUCLIÃO, ESTROBILÓ

EUCLIÃO: Fora daí, minhoca! que saíste agora debaixo da terra. Há bocado nem aparecias, mas agora, apareces para morrer. Por Pólux! meu feiticeiro! vou dar-te um tratamento desgraçado.

ESTROBILÓ: Mas que fúria te agita! Que tenho eu que ver contigo, velho? Por que é que me insultas? Por que é que me puxas? Por que é que me bates?

EUCLIÃO: Ainda mo perguntas? Meu safado! Não és um ladrão, és um tríplice ladrão!

ESTROBILÓ: Mas que é que eu te roubei?

EUCLIÃO: Larga já!

ESTROBILÓ: O que é que tu queres que eu largue?

Euclião (*irônico*): Ah, sim?!

ESTROBILÓ: Mas eu não te tirei nada!

EUCLIÃO: Dá cá aquilo que tiraste! Fazes ou não?

ESTROBILÓ: Mas faço o quê?

EUCLIÃO: Não podes tirar.

ESTROBILÓ: Mas que é que tu queres?

EUCLIÃO: Põe já aí!

ESTROBILÓ: Por Pólux, velho, acho que tu gostas de brincar.

EUCLIÃO: Larga, já disse! Deixa-te de graças! Não estou agora para brincadeiras!

ESTROBILÓ: Mas largar o quê? O melhor é tu dizeres ao certo de que é que se trata. Por Hércules, eu não tirei nada, eu não toquei em nada.

EUCLIÃO: Mostra cá as mãos.

ESTROBILO (*mostrando uma das mãos*): Ai de ti!

EUCLIÃO: Mostra!

ESTROBILO: Cá estão.

EUCLIÃO: Bem vejo. Mostra cá a outra.

ESTROBILO: Com certeza este velho sofre de pesadelos ou de loucura. Tu estás a meter-te comigo ou não?

EUCLIÃO: Estou mesmo, porque o que devia era mandar-te enforcar. Mas é o que vou fazer se tu não confessas.

ESTROBILO: Mas confessar o quê?

EUCLIÃO: Que tiraste tu daqui?

ESTROBILO: Os deuses me castiguem se eu te tirei alguma coisa. (*À parte.*) E se eu não quis tirar...

EUCLIÃO: Vamos. Sacode lá o manto.

ESTROBILO: À vontade.

EUCLIÃO: És capaz de os ter nas túnicas.

ESTROBILO: Procura onde quiseres.

EUCLIÃO: Ah! malandro, que esperto que tu és! Para eu julgar que tu não me tiraste nada. Mas eu conheço-te as manhas. Vamos, mostra lá outra vez a mão direita.

ESTROBILO: Olha!

EUCLIÃO: Agora mostra a esquerda.

ESTROBILO: Até mostro ambas.

EUCLIÃO: Já não quero revistar mais. Dá-me cá isso.

ESTROBILÔ: Isso, o quê?

EUCLIÃO: Ah, tu estás a brincar? Tenho a certeza de que tens!

ESTROBILÔ: De que tenho? Mas tenho o quê?

EUCLIÃO: Isso é que eu não digo. Era o que tu querias saber. Larga já o que tens aí e me pertence.

ESTROBILÔ: Estás louco. Andaste rebuscando à tua vontade e não encontraste nada teu em meu poder.

EUCLIÃO: Deixa-te estar quieto. Espera aí. Quem era aquele que há bocado estava lá dentro contigo? Ai de mim! Por Hércules o barulho que ele faz lá dentro. (*À parte.*) Se não o apanho agora lá se vai! Bom, a este já eu revistei; este não tem nada. (*Alto.*) Vai para onde quiseres. Que Júpiter e os deuses dêem cabo de ti!

ESTROBILÔ: É um agradecimento muito amável.

EUCLIÃO: Eu vou lá dentro e vou apertar as goelas desse teu amigalhaço. Já para longe da vista! Vais ou não?

ESTROBILÔ: Vou.

EUCLIÃO: Cuidado, não te torne a pôr os olhos em cima. (*Torna a entrar no templo.*)

ESTROBILÔ (só)

Que eu morra de morte macaca se ainda hoje não prego uma partida a este velho. Ele agora já não vai ter coragem de esconder o dinheiro aqui. Acho que o vai levar consigo e o vai mudar de lugar. Olha a porta a ranger. Ai vem o velho com o dinheiro. Vou chegar-me um bocadinho mais para a entrada.

EUCLIÃO, ESTROBILÓ

EUCLIÃO: Julguei que se podia confiar na Fidelidade, mas ela pregou-me uma boa peça. Se não fosse o corvo, ai de mim, estava perdido. O que eu gostaria, por Hércules, era de que aquele corvo que me deu o sinal viesse de novo junto de mim para que eu lhe dissesse algumas palavras amáveis: quanto a comida era dada e perdida. Agora só o que eu penso é num lugar para esconder o dinheiro. Há, fora das muralhas, um bosque de Silvano desviado da estrada e cheio de salgueiros espessos. É lá que o vou pôr. Pois acredito mais em Silvano do que na Fidelidade. (Sai.)

Estrobilo (SÓ): Ótimo! Ótimo! Os deuses querem-me bem e estão comigo! Vou correr à frente dele e vou subir a uma árvore qualquer. Verei de lá onde o velho esconde o ouro. Embora meu amo me tenha ordenado que ficasse aqui, o que é verdade é que é melhor ganhar alguma coisa, mesmo com risco. (Sai.)

ATO V

LICÔNIDAS, EUNÔMIA, FEDRA

LICÔNIDAS: Eu já te disse, Mãe; sabes o que houve entre mim e a filha de Euclião; e agora o que te peço, minha Mãe, é que o contes a meu tio; tomo a fazer-te este pedido que já te tinha formulado.

EUNÔMIA: TU bem sabes que o meu desejo é fazer tudo o que tu queres, e tenho confiança em que meu irmão mo há de conceder. A causa é justa se realmente, como tu o afirmas, foi num acesso de embriaguez que tu desonraste a moça.

LICÔNIDAS: Então eu ia mentir, minha Mãe?

FEDRA (*atrás do palco*): Estou perdida, minha ama, por favor, já sinto dores. Ó Juno, Lucina socorre-me.

LICÔNIDAS: Olha, Mãe, aí tens a prova. Está gritando com as dores do parto.

EUNÔMIA: Meu filho, vem cá dentro ter com meu irmão para que eu leve comigo aquilo que tu me pedes. (*Sai.*)

LICÔNIDAS: Vai, eu já te sigo, minha Mãe; mas admiro-me de que não esteja aqui meu escravo Estrobilo que eu mandei que me esperasse neste lugar.

Mas o que eu penso é que talvez me esteja ajudando, e que é injusto zangar-me com ele. Vou lá para dentro para onde estão discutindo sobre a minha vida.

ESTROBILÓ (só)

Só eu supero em riquezas os Picos¹² que habitam as montanhas de ouro; já nem falo desses reis todos que são uma espécie de mendigos. Eu agora sou o rei Filipe. Oh que dia estupendo. Quando me fui embora, cheguei lá muito antes dele e muito antes me empoleirei em cima duma árvore; e pus-me à espreita a ver onde o velho escondia o ouro. Quando ele veio eu desci logo da árvore e desenterrei uma panela cheia de ouro. Depois saí do lugar e vi o velho voltar. Ele não me viu, porque me afastei um pouco do caminho. Olha, mas cá vem ele. Vou esconder isto em casa. (*Sai.*)

EUCLIÃO (só)

Estou perdido, estou liquidado! Deram cabo de mim! Para onde é que hei de correr? Para onde é que não hei de correr? Agarra! Agarra! Mas a quem? quem? Não vejo nada! Vou cego! e nem sequer posso saber ao certo para onde é que vou ou onde estou ou ao menos quem sou! Rogo-vos que me socorrais. Peço-vos! Suplico-vos que estejais comigo e que me digais quem foi aquele que roubou. Escondem-se com seu branco vestuário¹³ e ficam sentados como se fossem honestos... Que dizes tu? Posso acreditar em ti porque vejo que és bom pela cara. Então que há? Por que vos rideis? Bem vos conheço a vós todos. Sei que há por aqui muito ladrão. O quê? Ninguém a tem? Ai

12) Os Picos: povo fabuloso da Antiguidade.

13) O vestuário branco era símbolo de inocência e candidez de espírito.

que me mataste! Dize lá? Quem é que a tem? Tu não sabes? Ai pobre de mim! Pobre de mim, que estou perdido! Estou desgraçado de todo. Em que estado fiquei. Oh quanto lamento, oh quanta tristeza este dia me trouxe! E fome, e pobreza. Sou eu o mais desgraçado de todos quantos vivem na terra! Para que preciso eu agora de vida, em que perdi um tesouro que guardei com tanto cuidado. Roubei-me a mim próprio, roubei a minha alma, roubei o meu espírito! Agora outros gozam com ele, para meu mal e prejuízo! Não posso suportá-lo!

LICÔNIDAS (saindo da casa de Megadoro), *EUCLIÃO*

LICÔNIDAS: Quem é esse homem que está diante de casa soluçando, e queixando-se, todo triste? Mas é Euclião, acho eu! Ai, que estou perdido! já se descobriu a coisa. Creio que a filha dele já deve ter tido o menino. E agora estou aqui sem saber o que hei de fazer: vou ou fico? Aproximo-me ou fujo? Por Pólux, não sei que hei de fazer, por Pólux!

EUCLIÃO: Mas que diz este homem?

LICÔNIDAS: Eu sou um infeliz.

EUCLIÃO: EU é que sou um infeliz, um homem perdido de desgraças, tão grandes são os males e tão grande a tristeza que veio sobre mim.

LICÔNIDAS: Deixa-te estar sossegado.

EUCLIÃO: Mas de que maneira é que eu posso estar sossegado?

LICÔNIDAS: É que eu tenho a confessar que esse crime que te atormenta o espírito fui eu quem o cometeu.

EUCLIÃO: Que é que tu estás a dizer?

LICÔNIDAS: O que é verdade.

EUCLIÃO: Mas ouve, moço, que mal te fiz eu para procederes assim e me perderes a mim e aos meus filhos?

LICÔNIDAS: Foi um deus que me impeliu, foi ele que me atraiu a ela.

EUCLIÃO: De que maneira?

LICÔNIDAS: Confesso que errei, e sei que mereço castigo, mas venho pedir-te que tenhas a bondade de me perdoar.

EUCLIÃO: Mas como é que tu ousaste fazer isto? Tocar no que não te pertencia?

LICÔNIDAS: Que queres tu? Aconteceu. Não se pode negar o que é um fato. Eu acho que os deuses o quiseram. Sei bem que, se o que não quisessem, nada teria havido.

EUCLIÃO: O que os deuses quiseram foi, sem dúvida, que eu te mandasse enforcar em minha casa.

LICÔNIDAS: Não digas isso.

EUCLIÃO: Por que é que tu sem eu o permitir foste tocar na minha...

LICÔNIDAS: EU fiz isso por causa do vinho e do amor.

EUCLIÃO: Ó homem sem vergonha nenhuma! Como é que ousas vir ter comigo com esse discurso, meu descarado? Se isso agora é direito, então já nos podemos desculpar de roubarmos à luz do dia o ouro das senhoras; se nos apanharem, desculpar-nos-emos dizendo que o fizemos porque estávamos embriagados.

dos e porque o amor... Coisa vil, bem vil, o vinho e o amor. Se é lícito, a quem se embriagou e a quem ama, fazer o que lhe apetece.

LICÔNIDAS: Mas eu venho espontaneamente pedir-te desculpa da minha estupidez.

EUCLIÃO: Não gosto dos homens que depois de terem feito o mal vêm pedir desculpa. Tu sabias que ela não te pertencia, não lhe devias ter tocado.

LICÔNIDAS: Mas, já que tive a audácia de tocar, não vejo nenhum impedimento a que não fique com ela!

EUCLIÃO: Então tu vais ficar, contra minha vontade, com a...

LICÔNIDAS: Eu não a exijo contra tua vontade. O que eu acho é que deve ser minha. Tu mesmo vais concordar, Euclião, que ela deve ser minha.

EUCLIÃO: Se tu não tornas a trazer...

LICÔNIDAS: Não torno a trazer o quê?

EUCLIÃO: Aquilo que me pertencia e que tu tiraste. Olha que te levo ao pretor e te levanto uma ação.

LICÔNIDAS: O que te pertencia e eu tirei? Donde? Afinal que é isso?

EUCLIÃO (*ironicamente*): Oxalá Júpiter te proteja assim como é verdade que tu não sabes nada!

LICÔNIDAS: Se não me dizes o que queres...

EUCLIÃO: O que eu te exijo, ouves bem, é a panela de ouro que tu confessaste ter-me roubado.

LICÔNIDAS: Por Pólux! Eu nunca disse isso, nem fiz uma coisa dessas.

EUCLIÃO: Ah! tu negas?

LICÔNIDAS: E mais que nego, não sei e nunca ouvi falar desse ouro, nem de panela nenhuma.

EUCLIÃO: Dá cá a panela que tiraste do bosque de Silvano. Vamos. Passa-a cá. Estou pronto a dar-te metade. Embora tu sejas um ladrão, não quero incomodar-te. Anda. Dá cá.

LICÔNIDAS: Tu não estás bom da cabeça, para me estares a chamar ladrão. Ó Euclião, eu pensei comunicar-te outra coisa que me diz respeito. É um assunto muito importante que eu queria falar contigo devagar, se por acaso tens vagar.

EUCLIÃO: Dize lá com sinceridade: tu não roubaste o ouro?

LICÔNIDAS: Claro que não.

EUCLIÃO: E não sabes quem o levou?

LICÔNIDAS: Também não sei.

EUCLIÃO: E se souberes quem o levou, dizes-me?

LICÔNIDAS: Digo.

EUCLIÃO: E não exigirás daquele que roubou nenhuma parte? Não ocultarás o ladrão?

LICÔNIDAS: Não.

EUCLIÃO: E se me enganas?

LICÔNIDAS: Então que o grande Júpiter me faça o que quiser.

EUCLIÃO: Está bem. Agora vamos. Dize lá o que queres.

LICÔNIDAS: Se tu não me conheces, vou dizer-te a que família pertenço. Este que mora aqui, Megadoro, é meu tio; meu pai, foi Antímaco. Eu chamo-me Licônidas e Eunômia é minha mãe.

EUCLIÃO: Conheço a tua família. Mas que queres tu? Isso é que eu queria conhecer.

LICÔNIDAS: Tens uma filha.

EUCLIÃO: Ali está em casa.

LICÔNIDAS: Acho que tu a prometeste a meu tio.

EUCLIÃO: Já sabes tudo.

LICÔNIDAS: Ele ordenou-me que te viesse anunciar que desfaz o casamento.

EUCLIÃO: Que o desfaz? Depois de preparadas as coisas e dispostas as cerimônias? Que os deuses e deusas imortais, dêem cabo daquele que me causa hoje, pobre de mim, infeliz de mim, a perda de tanto ouro.

LICÔNIDAS: Ganha ânimo e não fales mal. Que tudo se passe bem contigo e com tua filha... Oxalá o queiram os deuses.

EUCLIÃO: Oxalá o queiram.

LICÔNIDAS: E oxalá esteja também comigo. E agora ouve. Todo o homem que confessa a sua culpa tem sempre o valor suficiente para se envergonhar e se desculpar. É o que eu agora te peço Euclião, se por falta de pensar te ofendi e à tua filha; perdoa-me e

dá-ma em casamento, conforme as leis o mandam. Eu confesso que não fui leal com tua filha nas vigílias de Ceres, por causa do vinho e por um impulso da mocidade.

EUCLIÃO: Ai de mim! Que é que tu me contas?

LICÔNIDAS: Por que é que ficas tão exaltado? Não houve mais nada, senão que fiz que tu aparecesses já avô no casamento de tua filha. Teve agora um menino, porque já passaram dez meses. Ora conta. É por isso e por minha causa que meu tio desfaz o casamento. Vai lá dentro e pergunta se não é verdade o que eu te digo.

EUCLIÃO: Mas que desgraça esta! Todos os males se reúnem agora contra mim! Vou lá dentro saber o que há de verdade em tudo isto. (*Sai.*)

LICÔNIDAS: Eu vou já contigo. Parece que já está tudo a caminho de se compor. O que eu não sei é por onde estará o meu escravo Estrobilo. Vou esperar aqui um bocado por ele. Depois irei lá dentro; agora quero dar-lhe tempo para que saiba da filha e da ama velha tudo o que houve comigo, porque a criada também soube do caso.

ESTROBILo, LICÔNIDAS

ESTROBILo: Ó deuses imortais! que prazeres, e que prazeres de valor, me dais vós. Tenho uma panela de quatro libras toda carregada de ouro. Quem há mais rico do que eu? Que homem há em Atenas a quem os deuses sejam mais favoráveis do que a mim?

LICÔNIDAS: Parece-me que ouvi a voz de alguém que falava.

ESTROBILÔ: Olá! Não é meu amo que eu vejo?

LICÔNIDAS: Não é aquele Estrobilo, o meu escravo?

ESTROBILÔ: É ele mesmo.

LICÔNIDAS: E não é outro, não.

ESTROBILÔ: Vou lá ter com ele.

LICÔNIDAS: Irei ao seu encontro. Creio que ele, conforme lhe mandei, já deve ter estado com a velha, ama da moça.

ESTROBILÔ (*à parte*): Por que é que não lhe hei de falar já, dar-lhe notícia da presa que encontrei? E hei de pedir-lhe logo que me liberte. Vou falar-lhe. (*Alto*) Encontrei...

LICÔNIDAS (*nervoso*): O que é que tu encontraste?

ESTROBILÔ: Nada daquilo¹⁴ que os meninos gritam ter encontrado nas favas.

LICÔNIDAS: Já te pões com brincadeiras como de costume?

ESTROBILÔ: Quietô, meu amo, que eu falo já. Ora escuta.

LICÔNIDAS: Anda, vê lá se falas.

ESTROBILÔ: Encontrei hoje, meu amo, uma grande riqueza.

14) *aquilo que os meninos gritam ter encontrado nas favas: uma larva; ou, segundo outros, o hilo, mais visível nas favas do que nas outras plantas; de qualquer maneira, uma coisa sem importância.*

Licônidias: Onde foi isso?

ESTROBILo: Uma panela de quatro libras, de quatro libras! Cheia de ouro!

LICÔNIDAS: Mas que coisa fantástica é essa?

ESTROBILo: Tirei-a a esse velho, a Euclião.

LICÔNIDAS: Onde está o ouro?

ESTROBILo: Numa arca, lá em casa. E quero agora que tu me libertes.

LICÔNIDAS: Libertar-te, eu, grandíssimo patife!

ESTROBILo: Ora, meu amo, eu bem sei como tu fazes as coisas. Eu estava apenas a brincar e a experimentar. Já te preparavas para me tirares o dinheiro. Que farias tu se eu o tivesse encontrado?

LICÔNIDAS: Não consegues nada com as tuas graças: vamos, larga o dinheiro.

ESTROBILo: Largar o dinheiro?

LICÔNIDAS: Larga, já disse, para se lhe restituir a ele.

ESTROBILo: Mas que dinheiro?

LICÔNIDAS: Aquele que tu confessaste que estava na arca.

ESTROBILo: Por Hércules! Eu gosto de estar com graças... É a minha maneira de falar.

LICÔNIDAS: Mas tu não sabes de que maneira...

ESTROBILÔ: Podes-me esganar, por Hércules, mas de mim não tiras mais nada.¹⁵

LICÔNIDAS: Quer queiras quer não queiras. Quando te atar de pés e mãos à trave, quando te prender pelos... Bem. Mas por que é que eu não me atiro já ao fociinho deste patife? Por que não lhe obrigo a alma a sair lá por trás? Dás ou não? (*Aperta-lhe o pescoço.*)

ESTROBILÔ: DOU.

LICÔNIDAS: E tens que dar já. Para outra vez, não serve.

ESTROBILÔ: Dou já, mas peço-te que me deixes tomar fôlego. Mas ouve lá, patrão. Que queres tu que eu te dê?

LICÔNIDAS: Então não sabes, meu patife? Ousarás dizer que não tens a panela de quatro libras, cheia de ouro, que confessaste ter roubado? Vamos, já para aqui os de chicote!

ESTROBILÔ: Senhor, escuta lá uma palavra.

LICÔNIDAS: Não escuto! Os de chicote!

Os ESCRAVOS: Que há?

LICÔNIDAS: Quero que preparem as correntes.

ESTROBILÔ: Peço que me ouças. Depois podes atar-me o que quiseres.

15) A peça está incompleta e interrompe-se aqui. Um sábio do século XV, Codro Urceu, reconstituiu-lhe o fim, valendo-se do prólogo, do argumento e de alguns versos citados por um gramático. É esse final que apresentamos.

LICÔNIDAS: Aqui estou para ouvir; mas anda depressinha.

ESTROBILo: Se me torturares até à morte, vê lá quais serão as consequências: primeiro, morrer-te um escravo; depois, não conseguires o que desejas. Mas se me tentasses com o doce prêmio da liberdade, já sem dúvida alguma terias alcançado o que queres. A todos a natureza jurou livres e todos por natureza pensam na liberdade. O pior de todos os males, a pior de todas as desgraças é a servidão. O que Júpiter faz antes de tudo àqueles que odeia é torná-los escravos.

LICÔNIDAS: Nisso tens razão.

ESTROBILo: Ouve agora o resto: O nosso tempo produziu donos demasiado avarrentos. Costumamos chamar-lhes Harpagões, Harpias e Tântalos, pobres no meio das maiores riquezas e sedentos no seio do vasto oceano. Não lhes chegam bens nenhuns, nem os de Midas, nem os de Creso. Nem todos os tesouros dos persas poderiam encher esses abismos do Tártaro. Os donos tratam indignamente os seus escravos; por seu lado os escravos cumprem mal as ordens de seus donos. Assim, nenhum deles faz o que seria justo. Os velhos avarrentos fecham a sete chaves os escritórios, as despensas, os celeiros. O que eles mal querem conceder a seus filhos legítimos, os escravos ladravazes, espertos e ladinos o pilham mesmo que esteja fechado com as tais sete chaves. A furto lho tiram, consomem-lho, devoram-no. Nem a cruz os faz confessar as centenas de roubos. Assim os escravos se vingam divertindo-se e rindo, de sua escravidão. Concluo, portanto, que a liberdade faz os escravos fiéis.

LICÔNIDAS: Falaste bem, mas não foi em poucas palavras, como tinhas prometido. Mas, se eu te fizer livre, restitui-me o que eu quero?

ESTROBILÔ: Claro, mas é preciso que haja testemunhas.
Tu perdoarás, senhor: não acredito muito em ti.

LICÔNIDAS: Como quiseres. Podem vir até cem. Não há impedimento.

ESTROBILÔ (*chamando*): Megadoro! Eunômia! Vinde cá, por favor. Vinde cá fora. É só fazer isto e depois voltareis.

MEGADORO: Quem nos chama? Eis-me aqui, Licônidas!

EUNÔMIA: Eis-me aqui, Estrobilo! que há? Fala.

LICÔNIDAS: É rápido.

MEGADORO: Então, que há?

ESTROBILÔ: Tomo-vos por testemunhas. Se eu trouxer e entregar a Licônidas uma panela de quatro libras, cheia de ouro, Licônidas liberta-me; dá ordem para que me pertença a mim próprio. Prometes?

LICÔNIDAS: Prometo.

ESTROBILÔ (*a Megadoro e Eunômia*): Ouvistes o que ele disse?

MEGADORO: Ouvimos.

ESTROBILÔ: Jura então por Júpiter.

LICÔNIDAS: Ao que me obriga o mal alheio! Mas que sem-vergonha és tu! No entanto jurarei o que ele quer.

ESTROBILÔ: Olha, a nossa época não é muito de boa fé. Escrevem-se documentos, vêm dez testemunhas, o notário aponta a data e o lugar. No entanto há sempre um advogado pronto a negar o que se fez.

Licônidas: Vê lá se andas depressa.

ESTROBILÔ: Toma, pega esta pedra.

LICÔNIDAS: Se eu conscientemente te enganar, oxalá Júpiter me atire fora os meus bens, sem mal para a cidade e suas fortalezas, como eu atiro fora esta pedra. Chega-te isto?

ESTROBILÔ: Chega. Vou buscar o ouro.

LICÔNIDAS: Vai a passo de Pégaso e volta devorando o caminho.

*LICÔNIDAS, ESTROBILÔ, MEGADORO, EUCLIÃO,
EUNÔMIA*

LICÔNIDAS: Que coisa terrível é, para um homem sério, um escravo falador que quer saber mais do que o dono. Oxalá Estrobilo liberto vá parar a uma cruz; o que é preciso é que me traga a panela cheia de ouro para que meu sogro, Euclião, passe do luto à hilidade e me conceda em casamento a filha que vai dar agora à luz, por obra minha. Mas aqui volta Estrobilo, todo carregado. Creio que traz a panela. Não há dúvida: é a panela que ele traz.

ESTROBILÔ: Licônidas, aqui venho com o que te prometi: uma panela de ouro de quatro libras. Acaso me demorei?

LICÔNIDAS: Nada. Ó deuses imortais, que vejo eu! Que tenho eu aqui! Mais de três ou quatro vezes seiscentas filipes de ouro. Mas chamemos já Euclião. Euclião! Euclião!

MEGADORO: Euclião! Euclião!

EUCLIÃO: Que há?

LICÔNIDAS: Vem cá baixo. Os deuses querem-te bem.
Cá temos a panela.

EUCLIÃO: Tendes realmente ou estais a enganar-me?

LICÔNIDAS: Temos, já te disse. Se podes vem voando.

EUCLIÃO: Ó grande Júpiter! Ó deus Lar da família! Ó rainha Juno! Ó meu Alcides dos tesouros! Finalmente tivestes dó do pobre velho! Ó panela, que abraços alegres não te dá o teu velho amigo! Como eu te beijo! Nem posso fartar-me de te abraçar. Ó esperança! Ó coração! Lá se vai a minha tristeza.

LICÔNIDAS: Sempre pensei que não ter dinheiro era péssimo para todos, moços, homens e velhos. A indigência obriga os moços a prostituir-se, os homens a roubar, e os velhos a pedir esmola. Mas é muito pior o que vejo agora: ter muito mais dinheiro do que aquilo que é necessário. Ah! Quanto desgosto passou ainda há pouco Euclião por ter perdido a sua panela.

EUCLIÃO: A quem tenho eu que agradecer? Aos deuses que respeitam os bons? Aos homens retos e amigos? Ou a uns e outros? Talvez melhor a uns e outros. · Primeiro a ti, Licônidas, origem e autor de tanto bem. Recompenso-te com esta panela de ouro; oxalá a aceites de bom grado. Quero que seja tua; e a minha filha também. É o que declaro na presença de Megadoro e de sua boa irmã Eunômia.

LICÔNIDAS: Estou muito grato e te agradeço, como mereces, Euclião, meu querido sogro.

EUCLIÃO: Acho que agradecerás bastante se aceitas com gosto este presente; e a mim também.

LICÔNIDAS: Aceito, e desejo que a minha casa seja a casa de Euclião.

ESTROBILO: Ainda falta — não te recordas? — que me faças livre.

LICÔNIDAS: Lembras muito bem: ficas livre, e por teu mérito, Estrobilo. Podes ir lá dentro continuar os preparativos da ceia.

ESTROBILO (*ao público*): Espectadores, Euclião transformou a sua natureza. De repente, fez-se generoso. Usai também portanto de generosidade. E, se a peça vos agradou, aplaudi à farta.